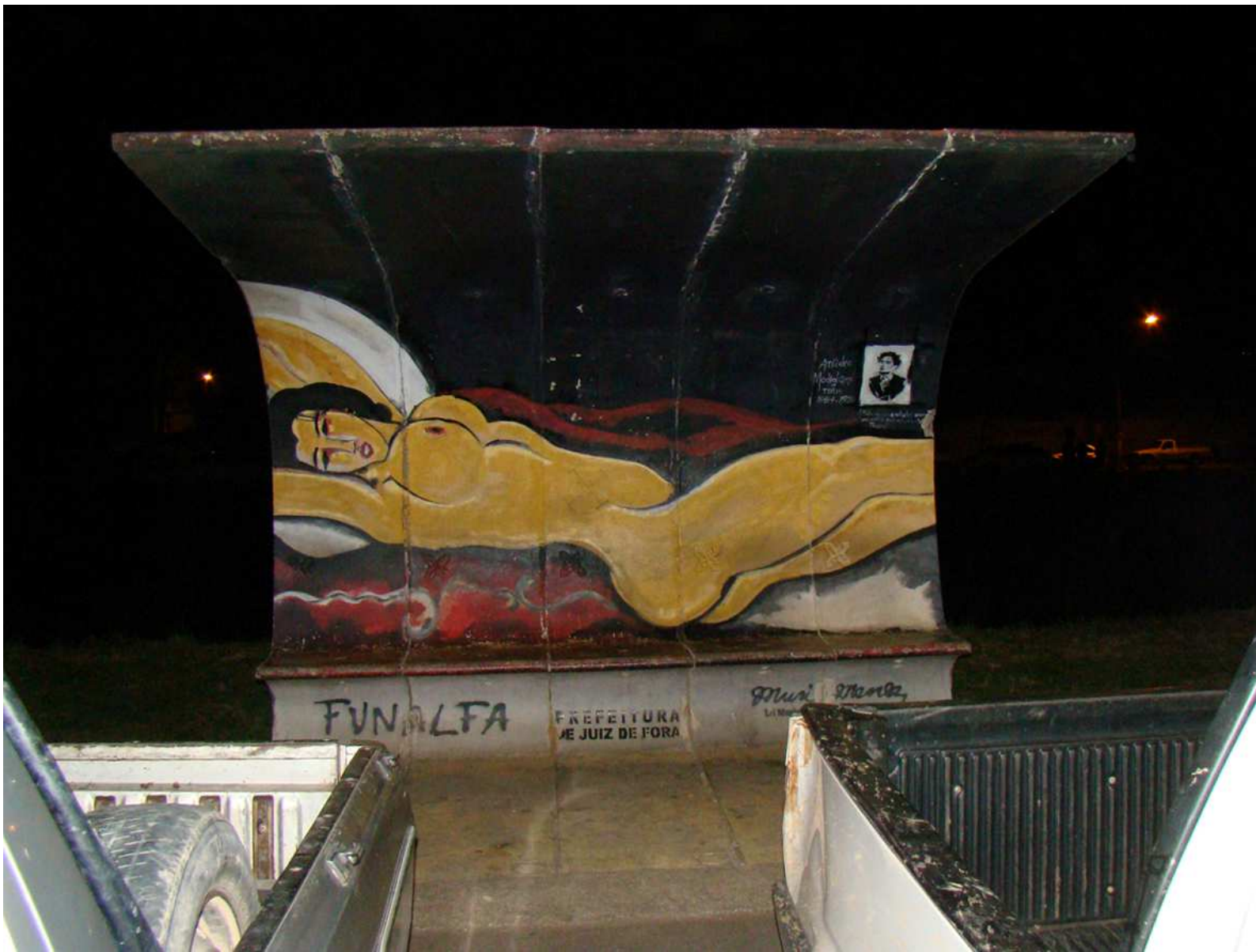


Coisas de feira, feira de coisas

por Maria José Oliveira¹

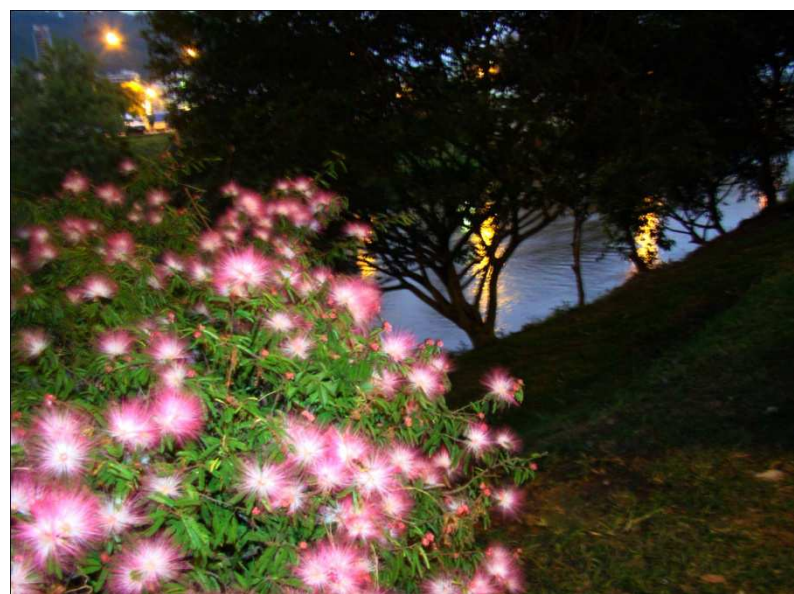
Domingo é dia de feira. A cidade ainda dorme quando surgem os primeiros sinais de transformação na Avenida Brasil. São quatro horas da manhã, os primeiros caminhões começam a descarregar e o azul das lonas invade o cinza do asfalto. Aos poucos, a paisagem vai se metamorfoseando e os raios de sol inundam as águas do rio Paraibuna. Indiferente aos olhos apressados, Céline Howard também desperta na releitura de Modigliani.

¹ Mestre em Comunicação pelo Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Metodista de São Paulo. Integra o Conselho Fiscal da Rede Folkcom.



Local do encontro da pluralidade, a feira livre é um acontecimento social por onde circulam grupos distintos com intenções das mais variadas. Encontramos os fiéis da feira, os esporádicos e frequentadores de oportunidade, além dos que, saindo da balada, arrematam a noite com a *saideira da feira* ou então com os tradicionais pastel e caldo de cana que “dá sustança e alimenta”

Segundo o sociólogo e professor do Departamento de Turismo da UFJF, Euler Siqueira, “ir à feira, mais que comprar, é um mergulho em histórias, pois elas são formas de expressão do patrimônio cultural de uma localidade. São espaços fantásticos com muitas possibilidades de diversos grupos se manifestarem”.



Percorrendo as barracas, nos deparamos com outra diversidade de cores, formas e texturas que ganham vida através das flores, frutos, legumes, verduras, carnes, ovos, leite, mel, fumo, animais, vasilhames, pimentas, ervas, amuletos, plantas medicinais. Uma verdadeira panaceia desvairada.





Os meios de comunicação são peculiares. Além do “gogó” afiado que chama o freguês, há placas rudimentares muitas vezes identificando o produto, preço e benefício, além do velho autofalante que divulga promoções e utilidades públicas e, ainda, invade o ambiente com trilha sonora característica.





Atravessando o rio que separa os dois lados da mesma avenida, encontramos outra configuração da feira. Mais parece um encontro marcado de quinquilharias. Painéis quebrados, dentaduras usadas e penicos furados ocupam o mesmo espaço de instrumentos agrícolas, livros, eletroeletrônicos, peças decorativas, antiguidades, brinquedos e o que mais a imaginação permitir.

É uma coisaria só.

Em meio a tantas peças desconexas, percebemos fragmentos do passado através de objetos que, apesar do baixo valor comercial, já foram protagonistas de sentimentos e carregam em si grande valor afetivo.





Estes artefatos normalmente são criados para nos proporcionar melhor qualidade de vida. Também auxiliam naquilo que a limitação da condição humana nos impede de fazer. De qualquer forma, eles têm participação ativa no cotidiano das pessoas. São as lentes, extensões dos olhos, que um dia levaram alguém a vislumbrar uma bela paisagem ou se deleitar diante de uma boa leitura. São as bonecas que foram companheiras, protetoras, mães e filhas das crianças imersas em suas fantasias. São os santos de devoção que concederam suas bênçãos num momento de sofrimento. São os *souvenirs* adquiridos naquela viagem inesquecível. São os vestidos de noiva que um dia tornaram palco de um grande espetáculo. São as fotos de família que, mecanicamente, eternizaram o momento que jamais se repetirá existencialmente.



Enfim, são vestígios de experiências que, apesar do seu aparente silêncio, são impregnados de emoção.



Fotos produzidas durante visita à Feira Livre da Avenida Brasil que, há 45 anos, acontece aos domingos em Juiz de Fora.